

Fragmentações e extensões do eu

Thaís Santos Thurler e Silva

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense



“Que eu possa despertar, acolher e impactar a cada momento e assim compreender e não reproduzir os estigmas tantas vezes solidificados. Ser o diferencial no meio daqueles que reproduzem”

-Thaís Santos Thurler e Silva

Este trabalho tem como finalidade narrar, debater e explorar as construções e ações desenvolvidas ao longo da disciplina Atividade Cultural na temática Pedagogia Social, saliento que até o momento da inscrição não sabia ao certo o que esperar e como interagir com essa disciplina. Ademais, ao longo das aulas foi possível refletir sobre a pedagogia social e compreender como a mesma se desenvolve e alimenta diversas condutas nas quais não sonhávamos ser possível e, com algo tão simples e doado são realizadas grandes ações, não de forma a se esperar algo, mas sim de retribuir e acolher ao próximo, seja ele quem for.

Como projeto debati o que poderia ser feito e que ao mesmo tempo não fosse algo maçante para quem se destinasse e que tivesse algo significado a longo prazo, passaram-se tantas ideias, mas nenhuma vislumbrava o significado que construí e aprendi nas aulas, sendo assim, após muita reflexão e diálogos em meu trabalho pude perceber que ali seria um ambiente em que construiria algo significativo para todos os envolvidos.

A temática atribuída foi pensada em romper com os silenciamentos e rótulos impostos pela sociedade, seja ele de forma consciente ou não, como ação social idealizei discutirmos a arte em sua forma mais reflexiva e exploratória possível. Vislumbrar, tocar e chocar com nossas concepções e compreender que o meu, o seu e o do outro também pode ser considerado arte e deve ser valorizado.

Defino e compreendo a arte como extensão do eu, na qual fragmento em pensamentos, ações, escritas e tinta tudo aquilo que me constitui como ser. E trazer essa temática a alunos de comunidade é um feito e ação de extrema importância, visto que ao longo de suas vidas a arte e outras manifestações foram silenciadas e/ou deslegitimadas. Como se a criança da comunidade não pudesse produzir arte e ser introduzido em espaços destinados como museus, galerias e entre outros.

Quem nunca ouviu de um professor, de amigos ou familiares que a sua arte não era tão boa como a do Picasso? Ou até mesmo que isso não é para você. Penso que através desse projeto descobrimos nossa concepção e até mesmo valorizar a partir deste choque de realidade nossos fragmentos, nossas ações e principalmente nos aceitar como indivíduo produtor e conhecedor de seus processo e experimentação.

Entender que ninguém conhece ou conhecerá sua dor, sua felicidade e até mesmo o seu sorriso, projetamos e modificamos a todo momento as cicatrizes e a arte, portanto, é a válvula de escape, sua outra identidade, algo em que não necessita de explicações, ela mesma explica e impõem.

Uma reflexão que trago e utilizo bastante em minhas aulas é que somos capazes de tudo, a única coisa que não podemos mudar é a concepção silenciadora do outro, pois o outro reproduz o que viveu, o que sentiu e quando ouvimos o “eu não sei”; “não sou tão bom” ou até mesmo “tenho vergonha” dói imaginar quantos

atos de brutalidade e silenciamento de corpos e expressões aquele sujeito vivenciou.

Proponho, portanto, que ao final desta ação contínua possamos ser educadores que despertam curiosidades, rompem barreiras muitas vezes de nosso imaginário e principalmente acolhedores com os nossos e, que a cada ato de afeto, de escuta o que for que seja, faça diferença na vida do outro.

Levo aprendizados, aceitações e principalmente gratidão aqueles que acolheram minhas ideias, meu jeito e que algum dia disseram que eu também poderia, esses conto no dedo e aprecio a oportunidade de retribuir, mas desta vez não como aluna e sim como professora, que nossas formações sejam banhadas de empatias, escutas e acolhimentos, nossos jovens já sofrem e sofreram demais, não se deve adicionar mais marcas ao ser; ser este que chora, implora e desfalece.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.